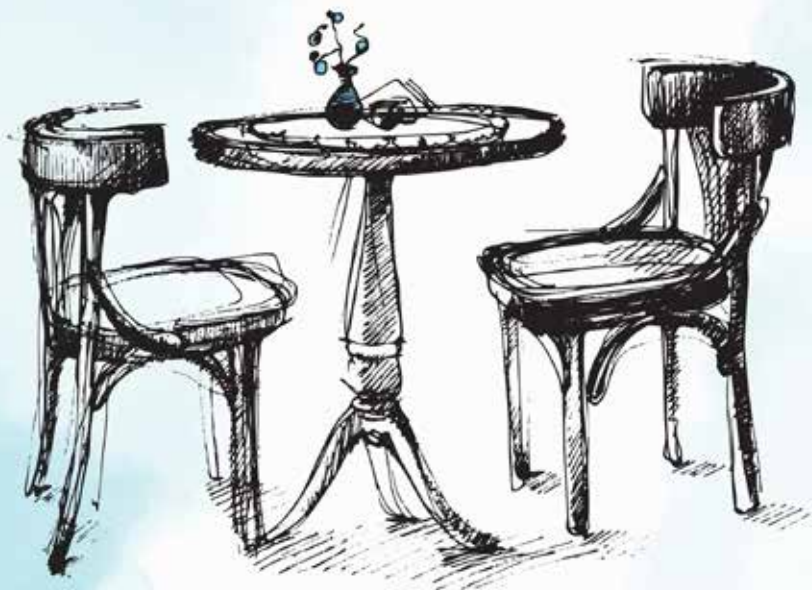




CONVERSANDO COM OS ESPÍRITOS

Um toque de humanismo



JÁDER DOS REIS SAMPAIO

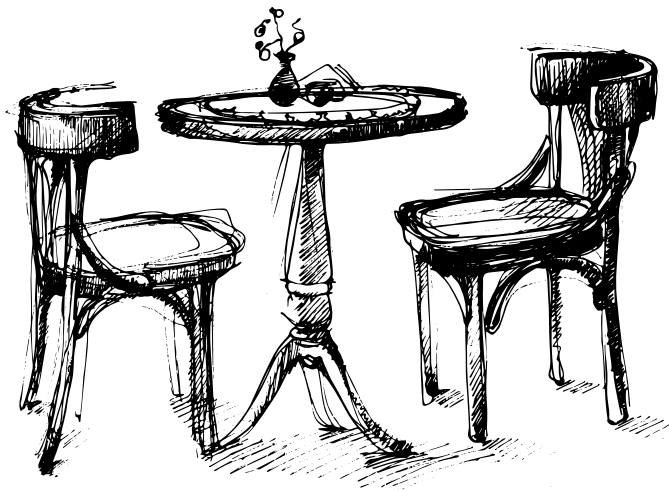


LACHÂTRE



CONVERSANDO COM OS ESPÍRITOS

Um toque de humanismo



JÁDER DOS REIS SAMPAIO



LACHÂTRE

© 2018 Jäder dos Reis Sampaio

Programação visual da capa:
Fernando Campos

Revisão
Marcelo Teixeira

Instituto Lachâtre
Caixa Postal 164 – CEP 12914-970
Bragança Paulista – SP
Telefone: 11 4063-5354
Site: www.lachatre.org.br
E-mail: editora@lachatre.org.br

1ª edição – Agosto de 2018
Do 1º ao 1.000º exemplar

A reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio,
somente será permitida com a autorização por escrito da editora.
(Lei nº 9.610 de 19.02.1998)

Impresso no Brasil
Presita en Brazilo

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

Sampaio, Jäder dos Reis, 1965 –

Conversando com os espíritos, um toque de humanismo / Jäder dos Reis Sampaio – 1ª ed. – Bragança Paulista, SP : Lachâtre, 2018.

256 p.

1.Espiritismo. 2.Reuniões mediúnicas. 3.Biografias. I.Título. II.Subtítulo. III.Referências bibliográficas. IV.Anexo.

CDD 133.9

CDU 133.7

SUMÁRIO

Introdução, 11

Doutrinar ou atender espíritos?, 17

Doutrinação e atentimento, 19

Como comecei a atender espíritos?, 23

O Grupo Emmanuel, 28

A Associação Espírita Célia Xavier, 35

O funcionamento do grupo mediúnico, 39

A finalidade do nosso grupo mediúnico, 56

Sobre os espíritos, 59

Perispírito ou diversos corpos?, 60

As sensações orgânicas, 63

CONVERSANDO COM OS ESPÍRITOS

As emoções e sentimentos, 65

A plasticidade e os significados, 67

A memória e a personalidade, 69

Mediunidade, obsessão e desobsessão em Allan Kardec, 73

Obsessão, 73

Obsessão e mediunidade, 77

Experiência espiritual e transtorno mental, 80

Diferenciação entre experiências espirituais e sintomas psicopatológicos, 83

Obsessão e transtorno mental, 86

Desobsessão em Allan Kardec, 88

Rosa M.: entre os transtornos mentais e a obsessão, 89

A jovem obsediada de Marmande, 93

A obsediada de Cazères, 96

O espírito de Castelnaudary: oração e desobsessão, 97

Passe e Obsessão: o caso da srta. Julie, 100

Os possessos de Morzine: obsessões coletivas, 102

Quem são os obsessores?, 107

A atuação do médium na comunicação, 111

Como as reações emocionais do médium afetam o espírito comunicante, 112

Confiança no atendente, 113

CONVERSANDO COM OS ESPÍRITOS

Os pensamentos do grupo durante o atendimento, 114

Carl Rogers, outros conceitos psicológicos e o atendimento espiritual, 115

Carl Rogers ante a morte, 116

O atendimento rogeriano e o atendimento aos espíritos, 117

Congruência, 117

Compreensão empática, 119

Aceitação positiva incondicional, 121

Projeto de vida, 123

Como tratar as pessoas desencarnadas?, 127

Ouvir mais e falar menos, 128

Atender ao espírito comunicante, 130

Prece, 135

Pensar nas consequências futuras dos atos, 138

Voltar ao passado em busca de sentido, 141

Conversar com palavras que fazem sentido ao espírito desencarnado, 152

Conversando com jovens, 156

Licantropia e deformações, 159

Partejar a consciência da desencarnação, 161

Um pouco de informação... sem pressão, 164

Compreender a situação espiritual, 169

Obter a confiança do comunicante, 172

CONVERSANDO COM OS ESPÍRITOS

O contato com a experiência pessoal do espírito, 174

Recusa ao diálogo, 180

Em síntese, 183

Referências bibliográficas, 187

Anexo – Pequenas biografias de espíritas e espíritos
que participaram deste livro, 189

Ada Eda e Rubens Magalhães, 191

Célia Xavier, 195

Eli Penido Chagas e Caetana Chagas, 199

Evaristo Alípio Silva, 203

José Mário Sampaio, 207

José Raul Teixeira, 223

Telma Núbia Tavares, 231

Virgílio Pedro de Almeida, 239

Ysnard Machado Ennes, 243

O Grupo Emmanuel e os ciclos de estudo sobre mediunidade, 247



INTRODUÇÃO

Há pouco mais de três décadas tenho estudado, participado e dirigido reuniões mediúnicas. Ao mesmo tempo, desenvolvi uma frutuosa carreira acadêmica, na qual me foi ensinado como realizar pesquisas e construir conhecimentos. Passados tantos anos, tantos livros e tantos espíritos, fiquei pensando se não poderia ser útil a outros espíritas que trabalham com a mediunidade, narrar e refletir sobre a experiência acumulada e as questões enfrentadas neste período.

Quando era jovem, publicou-se um calhamaço intitulado *Memórias de um presidente de trabalhos*, que falava da experiência mediúnica do Lar de Frei Luiz, no Rio de Janeiro. Quando falei na casa que frequentava, um dirigente com perfil rígido me disse:

CONVERSANDO COM OS ESPÍRITOS

– Não são necessários mais livros sobre mediunidade. Só Kardec e as obras de Chico Xavier já dão muito que estudar!

Ele era um trabalhador dedicado, mas sua opinião não abalou meu desejo de conhecer outros autores e livros de temática espírita porque eu era voluntário na biblioteca da casa, que era um lugar cheio de livros antigos e interessantes.

Décadas depois, esbarrei com a mesma filosofia, na pessoa de uma senhorinha que frequentava reuniões e dizia:

– Eu já li o livro do Jacob Melo sobre passes. Não é necessário ler mais nada, não acha?

Isso não se pergunta a um professor universitário. Para nós, o conhecimento está sempre em construção, há sempre o que descobrir e o que aprender. Nós estamos sempre lendo o que surge sobre os nossos interesses de estudo, porque sabemos que a aventura do conhecimento é algo eternamente em movimento, incompleto, mas em crescimento.

A atitude acadêmica se opõe também à atitude religiosa diante do conhecimento. Durante milênios, alguns cristãos resolveram traçar um cercadinho ao redor da experiência de base cristã para que seu rebanho

CONVERSANDO COM OS ESPÍRITOS

de ovelhas fosse igualzinho. Este cercadinho foi chamado de vulgata latina, e os livros que a compunham, escolhidos por Jerônimo de Estridão a pedido do bispo de Roma, Dâmaso. O conjunto de textos considerados originais e corretos foi chamado de canônicos (inspirados por Deus); e os outros, de heresias (falsos, errados, influenciados por sistemas filosóficos externos ao cristianismo). Pelo que posso depreender, ao traduzir para a língua latina, os pais da igreja desejavam que a Bíblia fosse lida e entendida por todos porque o latim era a língua do império romano e a língua internacional daquela época. Com o fim do império romano e o abandono do uso do latim, este idioma transformou-se em uma língua iniciática, conhecida apenas por quem a estudasse. O acesso aos textos da Bíblia se tornou tão restrito que, no tempo de Lutero, até padres, que rezavam as missas em latim, preferiam ler apenas os textos litúrgicos¹ e desconheciam ou apenas conheciam do texto bíblico o que haviam estudado em sua formação.

Esta história se repete no espiritismo, a menos que façamos dele algo diferente. Alguns expositores e dirigentes desejam fazer um ‘cercadinho’ do tipo ‘Kardec

¹ FOX, John. *O livro dos mártires*. São Paulo, Mundo Cristão, 2003 (Publicação original da obra em latim, 1559).

e Chico', como já ouvi de viva voz. Nada tenho contra um estudo rigoroso desses autores. Estou seguro que o próprio Kardec era contra cercadinhos. A maior evidência que temos disso é o seu *Catálogo real das obras para se fundar uma biblioteca espírita*, que tinha uma exuberância de livros e autores, até mesmo de opositores do espiritismo.

Outra coisa diferente é conhecer o pensamento espírita com segurança. O que diz Kardec sobre as evocações? Que propriedades do perísprito encontramos na obra de Kardec? E na de Gabriel Delanne? Houve modificações no sentido das palavras usadas pelo codificador? Este tipo de questão, aprendemos a fazer nos cursos de filosofia. Aprendemos a distinguir conceitos de sinônimos e a entender sistemas filosóficos a partir da apreensão inicial dos seus conceitos principais e do raciocínio do seu autor. Acho que pessoas como Raul Teixeira, Deolindo Amorim e, mais recentemente, os colegas da Liga de Pesquisadores do Espiritismo (LIHPE), Cosme Massi e Sílvio Chibeni, me influenciaram nesta aventura.

A verdade absoluta está fora do nosso alcance. Por isso mesmo, estamos sempre tentando aumentar nossa fatia de verdade e propõem os espíritos que passamos

CONVERSANDO COM OS ESPÍRITOS

encarnações e encarnações aumentando nossa “bagagem de conhecimento”. Kardec previa o crescimento do conhecimento espírita em sua obra.

Esta atitude franca de busca de conhecimentos novos, de forma crítica, sem perder a capacidade analítica, foi a diretriz de trabalho de muitos autores espíritas. Léon Denis, Gabriel Delanne, Deolindo Amorim, Carlos Imbassahy, Herculano Pires, Hermínio Miranda, Lamartine Palhano Jr. e muitos outros buscaram conhecimentos espirituais em outras fontes, racionais e empíricas (em outras palavras, não místicas), e sempre estiveram dispostos a discutir e propor sem perder a ‘base kardequiana’. Dentro da herança do pensamento de Allan Kardec, eles leram, traduziram, discutiram, analisaram logicamente a doutrina face aos avanços das ciências e às vezes tiraram conclusões indevidas ou incorretas, mas o conjunto de suas obras justifica os pequenos tropeços (se é que o são).

Uma vez, minha muito querida Ada Eda, dirigente do nosso grupo mediúnico na Associação Espírita Célia Xavier, me perguntou:

– Meu filho, me indique um livro em cujo autor eu possa descansar, entende?

CONVERSANDO COM OS ESPÍRITOS

Ele usava o português de uma forma muito particular e pessoal, mas eu entendia bem. Ela queria um livro ou autor que não exigisse de nós análise crítica, que se pudesse ler aceitando que tudo o que ele escreve fosse verdadeiro e que não tivesse contradições com o pensamento espírita, que ela amava.

– Eda, me perdoe! Respondi. Esse livro não existe.

Se é verdade que os iniciantes espíritas devem começar pelo começo, da mesma forma que os estudiosos da psicanálise começam por ler Freud, espero que nossos centros espíritas não estejam repletos de iniciantes, de pessoas que nunca passaram do bê-a-bá do espiritismo, mas que estejam repletos de pessoas, nas mais diversas posições, que, com suas trajetórias particulares e subjetivas, se dispuseram a conhecer a rica contribuição dos mais de cento e sessenta anos de espiritismo.

Uma vez, me perguntei o que fazer diante da aluvião de livros novos, cheios de ideias místicas e incoerentes. Fantasias bem ao gosto das pessoas fantasiosas, que gostam de ficar no limite entre a realidade e a imaginação e que não se satisfazem apenas com os livros de ficção e as séries de televisão. Creio que se deve ensinar o espiritismo para os espíritas e divulgar os livros sérios, racionais e bem fundamentados. Os

CONVERSANDO COM OS ESPÍRITOS

livros de conteúdo místico não convencem às pessoas de mentalidade racional e empírica.

Concluindo: este livro foi escrito para os espíritas estudiosos, instigados pelas questões doutrinárias, envolvidos na prática da mediunidade ou em seu estudo. Não é um livro escrito para céticos. Também não é um livro no qual as pessoas possam descansar.

Na primeira parte, ele trata não exclusivamente da minha trajetória pessoal, mas principalmente de dois grupos espíritas influentes em Belo Horizonte e como se praticava/pratica a mediunidade neles. A seguir, mergulhamos em Allan Kardec, temperado por outros autores, às vezes chamados de subsidiários, e analisamos sua noção de mundo dos espíritos, de obsessão e as experiências de desobsessão que ele narrou. Aproveito para entrar em uma questão delicada: o limite entre a mediunidade, a psicopatologia (estudo dos transtornos mentais) e a obsessão. Como sabemos pouco sobre este campo!

A quem interessa o funcionamento dos grupos espíritas em Belo Horizonte, a perdida capital “inca” no meio das montanhas de Minas Gerais? Aos espíritas das casas citadas, talvez. E talvez a todos. Minha insistência em descrever a experiência, buscando encontrar as ra-

CONVERSANDO COM OS ESPÍRITOS

zões por que trabalhamos e como trabalhamos, existe em função do desejo de se escreverem manuais e normas rígidas de conduta no meio espírita. Se for verdade que há práticas universais com relação à mediunidade, também será verdade que pequenas variações não deveriam ser motivo de crítica e divisão entre os espíritas. Aprendi, no meu curso de psicologia social, que uma escola no meio rural não deveria ser igual a uma escola no meio urbano. Que não deveria haver aulas no período das colheitas, enquanto no meio urbano essa questão é indiferente. Que as histórias estudadas deveriam incluir e valorizar a cultura local e não apenas a cultura urbana ou europeia. Então, no meio espírita, talvez um centro espírita no meio de uma comunidade precise funcionar de forma pouco diferente dos que estão em cidades universitárias, que se esvaziam durante as férias. Ou em cidades pequenas, nas quais os jovens saem para estudar fora na adolescência. O mesmo se aplica aos bairros ricos das grandes capitais brasileiras. Que diferenças legítimas são essas? Não tenho a pretensão de responder, apenas de mostrar o que fizemos, para que cada grupo possa entender suas próprias necessidades. Acho que aprendi isso com o professor Mário Barbosa.

CONVERSANDO COM OS ESPÍRITOS

A segunda parte é voltada à mediunidade. Começa com um capítulo breve sobre a atuação do médium na comunicação, seguido dos princípios gerais de um autor da psicologia conhecido apenas por poucos profissionais no Brasil: Carl Rogers. Nosso grupo observou que os princípios da clínica deste autor surtem efeito no atendimento espiritual. Então, este livro tenta mostrar, em alguns casos de atendimento que transcrevemos, como foi empregado. As narrativas, casos e análises do atendimento espiritual em comunicações de espíritos muito diferentes entre si compõem o final do grupo. Talvez essa parte devesse ter ficado no início do livro para instigar a curiosidade do leitor. Cedi, contudo, ao meu lado didático, que exige ensinar primeiro os conceitos para apenas depois aplicá-los.

O leitor curioso que me acompanhou até o momento ainda deve se perguntar: será que esse livro é bom? Será que vale a pena? Minha resposta mais honesta é: não sei. Se ele vender mais que dez exemplares e seus leitores considerarem útil seu conteúdo para refletirem sobre seu trabalho de atendimento aos espíritos, ainda que não mudem nada do que fazem, ele terá atingido seu objetivo. Cabe a quem ler fazer esta avaliação.



DOUTRINAR OU ATENDER ESPÍRITOS?

Hermínio Miranda no livro *Diálogo com as sombras* (FEB), afirma que doutrinar é “instruir em doutrina ou, simplesmente, ensinar”. Na página 67 ele discorre sobre os problemas que o termo doutrinador traz:

[...] o espírito que comparece para debater conosco os seus problemas e aflições, não está em condições, logo aos primeiros contatos, de receber instruções doutrinárias, ou seja, acerca da doutrina espírita, que professamos, e com a qual pretendemos ajudá-lo. Ele não vem disposto a ouvir uma pregação, nem predisposto ao aprendizado, como ouvinte

CONVERSANDO COM OS ESPÍRITOS

paciente ante um guru evoluído. Muitas vezes ele está perfeitamente familiarizado com inúmeros pontos importantes da doutrina espírita. Sabe que é um espírito sobrevivente, conhece suas responsabilidades perante as leis universais, admite, ante evidência que lhe são mais do que óbvias, os mecanismos da reencarnação, reconhece até mesmo a existência de Deus. [...] Portanto, o companheiro encarnado, com quem estabelece o diálogo, não tem muito a ensinar-lhe, em termos gerais de doutrina.

Ele continua o capítulo tratando das qualidades e perfil do doutrinador. Apesar de criticar o termo, não o substitui. Em nosso grupo, insatisfeitos com o termo doutrinador, utilizamos as palavras ‘atendente’ e ‘atendimento’, que são mais próximas da ideia de atendimento psicológico e que têm suporte nas obras de André Luiz. O autor dos livros que formam a coleção “A vida no mundo espiritual” faz uso do termo atendente para a assistência espiritual, um pouco diferente do que empregamos neste livro.

CONVERSANDO COM OS ESPÍRITOS

Entendemos que o papel da pessoa que conversa com os espíritos é atendê-los, como faz um psicólogo em sua clínica. Devemos às vezes esclarecer, raramente instruir em doutrina, evitando a posição professoral ou do sacerdote exorcista.

Quanto à etimologia da palavra doutrinar, ela pode assumir o sentido de ensinar compulsoriamente e até mesmo punir, como nos mostra o mestre Houaiss:

v. (1344 cf. IVPM) 1 t.d.int. formular, transmitir, pregar doutrina ou nela instruir alguém; ensinar 2 t.d. incutir em (alguém) opinião, ponto de vista ou princípio sectário; inculcar em alguém uma crença ou atitude particular, com o objetivo de que não aceite qualquer outra 3 t.d.int. ant. educar, corrigir com castigo 4 t.d. ant. fazer adestramento de; amansar, amestrar □ etim doutrina + -ar; ver doc(t)- □ sin/var adoutrinar; ver tb. sinonímia de instruir □ ant desdoutrinar □ par doutrinaria(1ª3ªp.s.)/ doutrinária (f.doutrinário[adj.s.m.]

CONVERSANDO COM OS ESPÍRITOS

Tenho certeza que, com todo este cuidado linguístico, não adianta nada dizermos que atendemos se continuamos a impor pontos de vista ou ensinar doutrinalmente e não há problema em se dizer que se doutrinam espíritos, desde que o sentido esteja associado ao exercício do ágape Paulino.

*
* *

O objetivo deste livro é compartilhar com os espíritas e com o movimento espírita a experiência do nosso grupo mediúnico nesta difícil atividade.

Há alguns anos, apresentamos essa experiência sob a forma de palestra em um grande centro espírita da capital mineira. Surpreendi-me ao perceber que nosso trabalho não era visto como usual. Um dos participantes, talvez incomodado com alguma coisa que dizíamos, perguntou: – Há quanto tempo vocês fazem isso? Minha resposta surpreendeu-me, acho que mais que a ele:

– Há mais de vinte e cinco anos!

Enquanto escrevo este livro, já passamos dos trinta anos de atividades, ao final das tardes de sábado, du-

rante pouco mais de uma hora e meia, bem utilizada para o estudo, a prece, a prática da mediunidade e a autoavaliação do próprio grupo.

DOCTRINAÇÃO E ATENDIMENTO

A doutrina espírita ou espiritismo “é a ciência que estuda a natureza, origem e destino dos espíritos, bem como sua relação com o mundo corporal”, como afirmou Allan Kardec em *O que é o espiritismo*. Hermínio Miranda, em seu *Diálogo com as sombras*, afirmou que doutrinar é “instruir em doutrina”; em outras palavras, ensinar uma doutrina. (p. 67) Ele prefere não empregar a palavra doutrinar ou doutrinador porque, em sua experiência, ele percebe que há espíritos sem condições emocionais de estudo e entendimento e a palavra pode induzir o atendente a explicar e instruir, o que pode ser entendido como um ato de pedantismo e afastá-lo de ações mais importantes e efetivas.

Fui encontrar uma possível origem do emprego do termo nos livros *O céu e o inferno* e *A obsessão*, de Allan Kardec. *A obsessão* é uma coletânea de textos do fundador do espiritismo. Trata de espíritos obsessores e perturbadores e das formas que a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e outras sociedades espíritas da

época (anos 1850 e 1860) se organizaram para tentar resolver estes problemas. Como costuma acontecer no movimento espírita, este livro ficou injustamente em uma espécie de limbo porque o organizador da Federação Espírita Belga resolveu publicar junto à obra uma comunicação atribuída ao próprio Kardec, referendando o livro. Em vez de os críticos se aterem ao conteúdo do livro, destacaram esta comunicação e levantaram questionamentos sobre sua autenticidade. O que poucos parecem ter observado é que o livro não é mediúnico, mas um documento histórico e doutrinário, uma vez que é composto de textos da *Revista espírita* e de outras publicações de Allan Kardec.

Um caso importante para a origem da doutrinação é *O espírito de Castelnau*, publicado na *Revista espírita* e em *O céu e o inferno*. Neste caso específico, vê-se um espírito com imensa dificuldade de entender sua condição de desencarnado e o que se passa ao seu redor. Continua acreditando que está encarnado e que reside no mesmo lugar em que desencarnou há muitos anos. Guarda ainda o ódio da esposa e do irmão que o traíram. Entende que as pessoas que agora residem em sua casa e todos os que foram chamados para exorcizá-lo são invasores. Ele se apresenta ainda ligado à arma

CONVERSANDO COM OS ESPÍRITOS

com a que assassinou seus familiares e sua roupa perispiritual ainda apresenta manchas de sangue, o que sugere que a memória e os sentimentos conturbados do assassinato continuam presentes e influentes.

Kardec reproduz os atendimentos que, à época, se davam intermediados pela psicografia e não pela psicofonia, como geralmente se faz hoje.

Uma das primeiras descobertas de Allan Kardec com relação aos espíritos comunicantes é que muitos espíritos inferiores não compreendiam a situação em que se encontravam. Alguns não entendiam que haviam desencarnado, outros desconfiavam das pessoas que percebiam por serem considerados assombrações ou demônios.

Ante esta situação, Kardec foi orientado a instruir estes espíritos sobre o mundo espiritual, obtendo bons resultados.

Posteriormente, Kardec iria entrar em contato com espíritos obsessores, definidos como aqueles que exercem uma influência maléfica sobre as pessoas. Sua motivação é variada. Pode ir da simples perversão (prazer com o sofrimento alheio), passando pela identificação com o obsediado (similitude de gostos e prazeres) até os laços de ódio, que podem ser pessoais ou por razões

CONVERSANDO COM OS ESPÍRITOS

genéricas (como o ódio racial, o ódio religioso, o ódio político etc.)

Quando dizemos que os obsessores exercem uma influência maléfica sobre as pessoas, necessitamos fazer algumas ressalvas. A influência direta se dá mente a mente. Para que isso ocorra, é necessária alguma ressonância entre obsessor e obsediado. Uma pessoa que não gosta de determinado tipo de assunto tende a encerrar o diálogo rapidamente por se sentir incomodada. Com a influência mental não é muito diferente; um obsessor precisa que sua contraparte acolha seus pensamentos, sensações e emoções, e que não consiga desligar-se delas para que sua influência se consolide.

Os obsessores, se não gostam de uma determinada pessoa, podem influenciar seus familiares, colegas de trabalho, amigos e quem quer que seja que, do seu meio de relação, aceite sua influência com o objetivo de perturbar sua vítima.

Nas obsessões coletivas, uma casa espírita, uma família inteira, um grupo ou equipe de pessoas, em função do que fazem, podem ser objeto dos desafetos do mundo espiritual.

Como se pode ver, um fenômeno complexo como a obsessão não pode ser abordado apenas de forma

CONVERSANDO COM OS ESPÍRITOS

intelectual. Há mágoas, emoções, perturbações emocionais, não raro dos dois lados. Além do mais, não é muito normal que uma pessoa, encarnada ou desencarnada, abandone sua família e seus afetos para dedicar-se a uma vingança ou perseguição. Não deixa de ser um comportamento que tem por base um transtorno mental.

Uma vez apresentados estes fenômenos espirituais, pergunta-se: será que os espíritas não estariam apenas mudando os nomes da crença cristã-católica ou cristã-evangélica dos endemoniados?

Obsessão e demonismo

A ideia do exorcismo, apesar de atávica e muito presente na nossa cultura, é muito diferenciada da prática espírita da desobsessão.

Inicialmente, o demônio, como visto pelos cristãos católicos e evangélicos, é um ser sobrenatural, devotado ao mal. Os espíritos obsessores não. Eles são pessoas, alguns frios, outros cheios de ódio, outros frágeis. São humanos, ou seja, trazem em seu interior a luta entre os impulsos, desejos, crenças e hábitos contra os imperativos éticos da consciência.

Não sou expert em exorcismos, mas o que se lê e vê nos filmes é a tentativa de afastar o demônio de suas

CONVERSANDO COM OS ESPÍRITOS

vítimas. Na obsessão, tem-se uma relação interpessoal. Como o demônio é visto como “todo mal”, é algo a se evitar ou se confrontar com o apoio de Deus ou de seus enviados. O mito do demonismo tem por base um confronto entre bem e mal.

A desobsessão, não é assim. Como pessoa, o obsessor tem suas razões para fazer o que faz. Normalmente, as razões são racionalismos, ou seja, explicações falsas, construídas para que ele não se sinta desconfortável com o que está fazendo. Contudo, como são construções intelectuais, no fundo ele sente que há algo errado. E se ele der voz às suas inseguranças, entra em conflito íntimo.

De ordinário, os espíritos que nos visitam vivem este conflito interior.



O diálogo é o meio mais viável de entendimento entre dois indivíduos. Talvez por isso, Allan Kardec o tenha empregado largamente em seu trabalho de consolidação do espiritismo, sendo, ainda hoje, recurso bastante utilizado na prática mediúnica espírita.

Neste livro, Jáder dos Reis Sampaio empresta “um toque de humanismo” à compreensão das conversas com os espíritos, contribuindo para pensarmos e repensarmos nossas reuniões mediúnicas em busca de experiências fraternas e plenas de espiritualidade.

ISBN 978-85-8291-070-2



9 788582 910702